CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
PAULO BRANCO OU A VÃ GLÓRIA DE PRODUZIR
25 DE NOVEMBRO DE 2026

NOITES / 2000

Um filme de Cláudia Tomaz

Realização: Cláudia Tomaz / Argumento: Cláudia Tomaz, João Pereira / Fotografia: João Paulo Ribeiro / Som: Nuno Carvalho / Direcção Artística: Cesário Monteiro / Montagem: Eduardo Condorcet, Cláudia Tomaz / Interpretação: João Pereira (João), Cláudia Tomaz (Teresa), Ana Bustorff (Mãe de Teresa), João D'Ávila (Cliente Homem), Isabel Ruth (Cliente Mulher)

Produção: Madragoa Filmes / Produtor: Paulo Branco / Cópia: 35 mm, cor / Duração: 73 minutos / Estreia Mundial: Festival de Veneza, 4 de Setembro de 2000 / Estreia em Portugal: Fonte Nova e Nimas, 22 de Setembro de 2000

Em meados dos anos 1990, especialmente depois de *Ossos* (1997), de Pedro Costa, mas também de *Os Mutantes* (1998), de Teresa Villaverde, apareceu um novo paradigma no cinema português, provavelmente tão apressado como os anteriores. Criou-se a ideia de que os jovens cineastas tinham escolhido como cenário e tema a degradação e o abjeccionismo: bairros de lata e gente que se droga. É como se da velha mitologia da «comédia alfacinha» se tivesse passado à nova mitologia da «tragédia tóxica».

O número de filmes enquadráveis nesta tipologia é ainda mais pequeno do que o número das comédias lisboetas dos anos 1940, mas não deixa de ser um sintoma interessante que esta imagem se tenha criado, especialmente junto daqueles que têm uma visão muito negativa sobre o cinema que se faz em Portugal. Além da pequena quantidade de filmes, vale a pena perceber que os propósitos de cada cineasta parecem significativamente diferentes, desde a empatia à denúncia, do cinema «empenhado» ao abstraccionismo poético. O caso de *Noites* é especial porque levou ao limite a pulsão documental latente nestes projectos. Cláudia Tomaz não actuou como simples espectadora, mas fez disso uma experiência pessoal. Dormiu com eles na cama, teve a mesma condição, como diz o fado.

Ou seja: *Noites* não é o registo, vagamente ficcional, do mundo da adicção, mas um mergulho individual nesse universo. Cláudia Tomaz talvez não se sentisse eticamente confortável em estar de fora, e assim filma-se a si mesma (com um nome fictício) como protagonista daquela queda no abismo. Tal estratégia releva ao mesmo tempo de extrema coragem e de extrema insensatez. É impressionante como gesto artístico, mas inquietante. O acto de filmar a miséria material ou moral levanta sempre dúvidas éticas,

e a essas dúvidas este filme deu uma resposta radical. O gesto teve bom acolhimento em Veneza, e *Noites*, uma primeira obra, não-subsidiada, venceu o Prémio da Semana da Crítica.

Podemos decompor o mundo de *Noites* em dois elementos. Um é aquilo que se chama, quase por antonomásia, o Casal Ventoso, que foi um sítio, mas que se tornou uma designação genérica para um local de consumo de drogas, mesmo depois de «o Casal» ter sido demolido (e se ter naturalmente «deslocalizado», como fazem todas as indústrias). Cláudia Tomaz, que tinha sido assistente de Pedro Costa [e Paulo Rocha, José Álvaro Morais, João Mário Grilo], foi até lá e filmou o Casal em fase de demolição, num filme que é todo ele demolição.

O Casal Ventoso representa a «outra Lisboa», uma Lisboa das margens, e não é por acaso que Cláudia Tomaz assume o Casal como o «ponto de vista» sobre Lisboa, quando em geral é o contrário que acontece, no discurso jornalístico ou quotidiano. É verdade que Lisboa já teve várias tonalidades, de acordo com a sensibilidade de quem a tem filmado ao longo das décadas, mas nunca como no cinema dos anos 1990, e raramente como em *Noites*, se pareceu tanto com o inferno. Tudo o que vemos são rochas, lixo, despojos, casas degradadas, descampados, terras de ninguém. Seria quase uma paisagem «metafórica», se não fosse uma paisagem real, documentalmente comprovável.

Nesse cenário, existe um casal, Teresa e João, esqueléticos, sujos, aos caídos, agarrados à heroína. Teresa, que está doente, não se trata, e saca à mãe o dinheiro que pode. João prostitui-se. Vai tudo para o vício, e não nos é poupada a visão do vício, nem o seu pesadelo. Eles fumam, injectam-se, vomitam, deliram, e Cláudia Tomaz filma isso de perto, ela própria (Teresa) e um rapaz (João Pereira) que a cineasta escolheu para representar um papel que ele vivia na «vida real» (também foi co-argumentista). A exposição física é quase insustentável, e mesmo quando não estão em agonia eles deambulam como *zombies* pela cidade, fala entaramelada no pouco que dizem, rosto escaveirado, gestos ausentes, longas inércias. Não há uma narrativa, apenas uma deambulação, um exercício arriscado de reviver para a câmara aquilo que se viveu.

Mas há outro elemento em *Noites*: Cláudia Tomaz filma tudo isto como uma história de amor. Cesariny descreveu Verlaine e Rimbaud como «um casal ventoso», e Teresa e João são o casal ventoso deste «túmulo a céu aberto» pelo qual vagueiam. Em vez do egoísmo e da animalidade, estes dois precisam um do outro, tomam conta um do outro, dizem as frases que dizem os casais, preciso da tua ajuda, tu és tudo o que eu tenho. Quando Cláudia Tomaz tenta o monólogo mais «escrito» é pouco credível, mas quando aquelas pessoas dizem banalidades sentidas e sofridas, então são credíveis, miúdos que querem viver e têm medo de viver. E que se drogam, com o casaco a tapar as cabeças, como fantasmas, enquanto olham esta cidade, Lisboa, como se fosse uma miragem.

Pedro Mexia

Texto originalmente escrito em 2009.